

## UTILIZAÇÃO E CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO DE PLANTAS DO SEMIÁRIDO DO NORDESTE BRASILEIRO

*Data de aceite: 01/11/2023*

**Francisco Marlon Carneiro Feijó**

**Nilza Dutra Alves**

**Thulianne Lopes de Souza**

**Gardênia Silvana de Oliveira Rodrigues**

**Caio Sérgio Santos**

**Jamile Rodrigues Cosme de Holanda**

No semiárido do Nordeste brasileiro, existe uma ampla diversidade de plantas medicinais. Sua obtenção e uso nas comunidades sugere uma forte dependência do conhecimento tradicional, uma vez que as plantas constituem importante patrimônio cultural e econômico para as populações locais.

Os saberes tradicionais adquiridos pelas comunidades locais são transmitidos para as gerações seguintes, reiterando a importância da etnobotânica como instrumento de fortalecimento do ser humano com as plantas medicinais, a valorização dos etnosaberes locais e a

conservação da biodiversidade (OLIVEIRA FILHO *et al.*, 2021).

Essa interação entre as plantas e o homem e suas aplicações faz parte de um campo de estudo da etnobotânica que, através dos registros e do conhecimento da população transmitido para várias comunidades e gerações futuras, valoriza as espécies úteis, além de contribuir para a descoberta de novas substâncias ou produtos terapêuticos (CAVALCANTE; SCUDELLER, 2022).

### CONHECIMENTO TRADICIONAL DE PLANTAS

O conhecimento tradicional refere-se a saberes, inovações e práticas das comunidades locais relacionados aos recursos naturais. A Lei nº 13.123, de 20 de maio 2015, dispõe sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios para conservação e o uso sustentável da biodiversidade (MAGNI *et al.*, 2020). Ela define comunidade tradicional como um grupo culturalmente diferenciado que se

reconhece como tal, possui forma própria de organização social, ocupa e usa territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (MONTEIRO *et al.*, 2019).

É perceptível a importância de se preservar e se resgatar esses conhecimentos, uma vez que estes se destacam como técnicas de manejo de recursos naturais, conhecimentos sobre os diversos ecossistemas e sobre propriedades alimentícias, agrícolas e farmacêuticas, além das próprias categorizações e classificações de espécies de flora e fauna utilizadas pelas populações tradicionais (BATISTA *et al.*, 2020).

O uso de plantas como medicamento na região semiárida do Nordeste é transmitido de ascendente para descendente por meio de diálogos informais, já que, em parte, devido aos fatores socioeconômicos e, muitas vezes, por não possuírem assistência médica, a utilização dessas plantas tornou-se uma opção terapêutica de grande aceitação pela população. Na área da medicina veterinária, não é diferente. Essa alternativa tem contribuído para solucionar problemas de saúde animal enfrentados pelos criadores, partindo do princípio de que seu uso praticamente não possui custos e apresenta uma grande eficácia (FEIJÓ *et al.*, 2019; MEDEIROS *et al.*, 2020).

Visando a colaborar com os saberes tradicionais sobre a etnobotânica no semiárido do Nordeste brasileiro, pesquisadores da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) desenvolvem estudos que avaliam a aceitabilidade do uso de extratos vegetais pela população e as propriedades antibacterianas de extratos de plantas.

## **PLANTAS ENCONTRADAS NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE BRASILEIRO COM ATIVIDADE ANTIMICROBIANA**

Os avanços tecnológicos da biodiversidade na medicina no semiárido nordestino são atualizados de forma cronológica. Esses resultados são oriundos do conhecimento da população de assentamentos rurais, território indígena e quilombolas. Assim, muitas vezes a população de muitas cidades da região recorre às plantas disponíveis, buscando alternativas eficientes, de baixo custo e de fácil acesso na região. Nessa perspectiva, frequentemente as plantas são utilizadas para diversos fins terapêuticos, em humanos, e veterinários. Contudo, a maior parte sem comprovação científica oficializada no país (DANTAS *et al.*, 2020; HOLANDA *et al.*, 2021; SOARES *et al.*, 2021).

No Quadro 1 a seguir são apresentadas as espécies relatadas pelas comunidades com ação antimicrobiana, com suas respectivas famílias, hábito de crescimento e informações sobre seu uso de forma terapêutica.

Quadro 1 – Plantas medicinais relatadas pela população de Mossoró/RN com ação antimicrobiana

Nome popular	Nome científico	Hábito de crescimento	Uso tradicional
Jurema preta ou calumbi	Família: Mimosaceae Nome científico: <i>Mimosa tenuiflora (Willd.) Poir</i>	Arbóreo-arbustiva	Tratamento de queimaduras, acne e defeitos da pele, febrífugo e adstringente peitoral.  Na medicina veterinária, é utilizada como cicatrizante e para lavagens contra parasitas.
Cajueiro	Família: Anacardiaceae Nome científico: <i>Anacardium occidentale L.</i>	Arbóreo	Anti-inflamatório para gengiva e garganta, bronquite, artrite, cólica intestinal, icterícia, contra diabetes, asma.
Ameixa-brava, ameixa-do-mato, ameixeira-do-brasil, ambuí, ameixa-da-bahia, ameixa-da-terra, ameixa-de-espinho, ameixa-do-pará, limão-bravo-do-brejo, umbu-bravo	Família: Olacaceae Nome científico: <i>Ximenia americana L.</i>	Arbóreo-arbustiva	Tratamento da dor de estômago, sífilis, reumatismo, câncer e infecções da boca, tratamento da lepra, malária, dor de cabeça, moluscicida, infecções da pele, cicatrização, hemorroidas e inflamações das mucosas.
Jucá ou pau-ferro	Família: Leguminosae Caesalpinioideae Nome científico: <i>Caesalpinia férrea</i> ou <i>Libidibia ferrea</i>	Arbóreo	Ação analgésica, anti-inflamatória, anticancerígena, antidiabética, antiulcerogênica, cicatrizante.
Juazeiro	Família: Rhamnaceae Nome científico: <i>Ziziphus joazeiro Martius</i>	Arbóreo	Ação expectorante no tratamento de bronquite e de úlceras gástricas.
Cravo de anum, cravo de urubu ou fedegoso	Família: Boraginaceae Nome científico: <i>Heliotropium indicum L.</i>	Herbáceo	Analgésica, diurética e dermatológica.
Catingueira	Família: Fabaceae Nome científico: <i>Poincianellapyramidalis (Tul.) L. P. Queiroz</i>	Arbóreo	Expectorante, afrodisíaco e no tratamento de bronquite, infecções respiratórias, influenza, asma, gastrite, cólicas, febre, diarreia, diabetes e dores estomacais. Apresentam também atividade antioxidante.

Erva cidreira, falsa-melissa, salva-limão	Família: Verbenaceae Nome científico: <i>Lippia Alba</i>	Arbustiva	Analgésica, febrífuga, anti-inflamatória, antigripal, nas afecções hepáticas. Possui propriedades antifúngicas, inseticidas e repelentes.
Romã, romãzeira e romeira	Família: Punicaceae Nome científico: <i>Punica granatum L.</i>	Arbóreo-arbustiva	Tratamento de inflamações na boca e na garganta.
Malva-branca	Família: Malvaceae Nome científico: <i>Sida cordifolia L.</i>	Subarbustiva	Antirreumático, antipirético, analgésico, antiasmático, laxativo, diurético, hipoglicêmico e anticongestionante nasal.
Faveleira ou favela	Família: Euphorbiaceae Nome científico: <i>Cnidoscylus quercifolius</i>	Arbóreo	Usadas como agente anti-inflamatório, desinfetante, cicatrizante e na cura de bicheira.
Aroeira	Família: Anacardiaceae Nome científico: <i>Myracrodruon urundeuva Allemão</i>	Arbóreo	Anti-inflamatória, cicatrizante, antimicrobiana e fungicida. Combate gengivite, cistite e hemorroida.
Amargosa e nim	Família: Meliaceae Nome científico: <i>Azadirachta indica A. Juss</i>	Arbóreo	Usada no tratamento de afecções inflamatórias da pele, como dermatite alérgica, acne, eczema, psoríase, catapora, erupções cutâneas e feridas.
Ciriguela	Família: Anacardiaceae Nome científico: <i>Spondias purpúrea L.</i>	Arbóreo	Utilizada no tratamento de várias enfermidades, como diarreia, úlceras, "sapinho", disenteria, inchaço diverso.
Eucalipto	Família: Myrtaceae Nome científico: <i>Eucalyptus urograndis</i>	Arbóreo	Combate a gripe e Resfriado.
Cajazeiro ou Cajá	Família: Anacardiaceae Nome científico: <i>Spondias mombin L</i>	Arbóreo	Tratamento digestivo, dores na lombar, dor de garganta, diarreia, resfriado e congestão nasal.

Fonte: Lopes (2015)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas nas comunidades estudadas evidencia o alto potencial medicinal das plantas encontradas no semiárido do Nordeste brasileiro. Percebeu-se, mesmo com os avanços tecnológicos atuais, que as comunidades as utilizam com finalidade medicinal devido ao seu baixo custo e por ser uma alternativa eficiente em diversos tratamentos. Além disso, possibilita o resgate do conhecimento popular sobre as indicações terapêuticas e formas de utilização das espécies vegetais.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, K. M. ; MILIOLI, G.; CITADINI-ZANETTE, V. Saberes tradicionais de povos indígenas como referência de uso e conservação da biodiversidade: considerações teóricas sobre o povo Mbya Guarani. **Ethnoscintia**, v.5, n.1, 2020.

BRASIL, Lei 13.123, de 20 de maio de 2015, dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm)>. Acessado em 28 julho 2022.

CAVALCANTE, F. S; SCUDELLER, V. V. A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. **Revista Valore**, [S.l.], v. 7, p. e-7050, 2022.

DANTAS, T. D. P. D. ; FEIJÓ, F. M. C. ; ALVES, N. D. ; RODRIGUES, G. S. O. ; SANTOS, C. S. ; SOARES, W. N. C. ; SANTOS, P. V. F. ; MEDEIROS, L. C. V. *Spondias mombin* L. decoction utilization as antiseptic in cats submitted to castration. **BRAZILIAN JOURNAL VETERINARY RES. AND ANIMAL SCIENCE**, v. 57, p. 16, 2020.

FEIJÓ, F. M. C.; RODRIGUES, G. S. O.; SANTOS, C. S.; ALVES, N. D.; MARINHO, A. V. B.; HOLANDA, J. R. C. Avaliação das atividades antimicrobiana dos extratos de *Tabebuia alba* E *Myracrodruon urundeuva*. In: Alan Mario Zuffo. (Org.). **As Regiões Semiáridas e suas Especificidades**. 1ed. Belo Horizonte: Antonella Carvalho de Oliveira, 2019, p. 127-134.

HOLANDA, J. R. C.; FEIJÓ, F. M. C.; ALVES, N. D.; RODRIGUES, G. S. O.; FERNANDES, F. C.; SANTOS, C. S. Percepção e aceitação do uso da *Caesalpinia ferrea* como desinfetante. **Research, Society And Development**, v. 10, p. e45210616064, 2021.

LEONEZ, C. F. ; FEIJÓ, F. M. C; ALVES, N. D; SANTOS, C. S.; RODRIGUES, G. S. O.; FERNANDES, F. C. ; MATOS, T. M. Efficacy of the decoction of cashew leaf (*Spondias mombin* L.) as a natural antiseptic in dairy goat matrices. **African Journal of Agricultural Research**, v. 13, p. 644-649, 2018.

MAGNI, M.; PEGORARO, S.; CUSTÓDIO, J. R. L. A (in)suficiência da lei 13.123 de 2015 na proteção do patrimônio genético e dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 42886-42904, 2020.

MEDEIROS, A. J. D.; FEIJÓ, F. M. C.; ALVES, N. D.; RODRIGUES, G. S. O.; HOLANDA, J. R. C.; SILVA, J. S.; MOREIRA, L. D. B.; SANTOS, C. S. O uso da planta spondias mombin l. Como uma tecnologia alternativa para o desenvolvimento da caprinocultura. In: FREDERICO CELESTINO BARBOSA. (Org.). **Ciências Agrárias: A Multidisciplinaridade dos Recursos Naturais**. 1ed. Piracanjuba - Go: Editora Conhecimento Livre, 2020, v. 1, p. 68-99.

MONTEIRO, A. N. G.; VASCONCELOS, T. R.; TRECCANI, G. D. Impasses e desafios da regularização fundiária para comunidades tradicionais na Amazônia. **Retratos De Assentamentos**, v. 22, n. 2, p. 39-62, 2019.

OLIVEIRA FILHO, L. M.; QUEIROZ, J. F. S.; AGUIAR, M. I.; COSTA, E. A. S. Os saberes tradicionais e a utilização de plantas medicinais durante o período de pandemia da Covid-19. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, v. 8, n. 18, p. 276-292, 2021.

SOARES, W. N. C.; LIRA, G. P. O.; SANTOS, C. S.; DIAS, G. N. ; PIMENTA, A. S.; PEREIRA, A. F.; BENICIO, L. D. M. ; RODRIGUES, G. S. O. ; AMÓRA, S. S. A. ; ALVES, N. D. ; FEIJÓ, F. M. C. Pyrogligneous acid from Mimosa tenuiflora and Eucalyptus urograndis as an antimicrobial in dairy goats. **Journal of Applied Microbiology**, v. 1, p. 1-11, 2021.